

HISTÓRIA LOCAL (2)

Invasões Francesas

“Tanto quanto se alcança de monumentos e tradições, só uma vez as terras da Marinha foram calcadas por soldados estrangeiros vindos como inimigos e em som de guerra: no tempo da segunda invasão francesa. Militarmente, o acontecimento não teve importância ou relevo mas a onda de sangue e violência a cuja sombra se desenrolou, em continuação dos morticínios cruéis e punitivos de Salreu e Estarreja, gravou-o por tal forma na memória dos povos que é ainda hoje recordado com indignação e horror.

A expedição comandada por Soult, depois de se ter apoderado da cidade do Porto, com o objectivo de atingir Lisboa, enviou contingentes de tropa a várias localidades situadas a sul, com o objectivo de ganhar posição e ver assim facilitada a sua progressão rumo à capital.

Com algumas escaramuças pelo caminho, as tropas francesas chegaram ao campo de Soutelo, nas vizinhanças de Salreu ou fosse para continuar os roubos por estes lugares e suas vizinhanças ou para observar alguns movimentos da nossa tropa e ingleses, de que tinham algum receio.

Entraram hostilmente em Estarreja, no domingo, dia 16 de Abril de 1809, matando umas doze ou mais pessoas e, em Salreu cinquenta e tantas, enfurecendo-se com os sinais de rebate e resistência que estes povos vizinhos imprudentemente lhes queriam fazer.

Assim se conservaram neste acampamento de Soutelo, de onde nos vinham infestar as nossas casas, até chegar o dia 10 de Maio seguinte, em que foram batidos pela tropa inglesa e nossa que, dividindo-se pela parte de Albergaria e por Ovar com destino de os apanhar cercados, os foram perseguindo até os obrigarem a evacuar para o Porto.

Foi de terror e sangue para Estarreja e Salreu esse domingo maldito de dezasseis de Abril; os mortos contaram-se por dezenas, sepultados depois uns em sagrado, outros por honras, campos e pinhais. Alguns incautos passantes pagaram com a vida o acaso de lá se encontrarem. Como reflexo do ambiente criado por tão trágicos acontecimentos, um desventurado, ao que parece funcionário do tribunal, em fuga espavorida pelo Bunheiro, foi tomado como espião, linchado e logo enterrado no próprio lugar da morte. Na Murtosa, o medo e deserção foram de tal ordem que nem sequer houve possibilidade de juntar padres para o funeral de uma das vítimas.

Alguns documentos comprovantes:

Assento de óbito:

1. João Garcia, assassinado a 16 de Abril de 1809, no lugar do Agro, na ocasião da entrada dos franceses neste concelho.
2. Mateus Lopes Pereira, morto pelos franceses, sem sacramento algum e foi sepultado na igreja paroquial de Santa Maria da Murtosa sem ser acompanhado de clérigos, por todos andarem fugidos.
3. Faleceu da vida presente, morto pelos franceses no lugar de S. Martinho de Salreu, Inácio, solteiro, filho de Manuel Vaz Fonseca, e foi sepultado em a mesma terra onde foi morto.
4. Faleceu da vida presente Feliciano Antão da Silva, morto pelos franceses em o lugar de S. Martinho, onde foi enterrado.

5. Foi morto de um tiro de bala, pelo exército francês, sem sacramento algum, José Marques de Oliveira, do lugar de Salreu, está sepultado no adro da igreja.
6. Vitoriano da Fonseca, do lugar de Campinos, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
7. Francisco Rodrigues Imaginário, do lugar da Aldeia, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
8. Dionísio Rodrigues dos Anjos, do lugar de Salreu, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
9. Manuel José de Oliveira Moleiro, do lugar da Cavada, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no adro da igreja.
10. Francisco, de 16 anos, filho de Manuel José Enjeitado, do lugar do Outeiro, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
11. Manuel Gomes, do lugar do Cadaval, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no dentro da igreja.
12. Manuel Valente Figueira, do lugar das Ladeiras de Cima, foi morto a tiro de bala, sepultaram-no no adro da igreja.
13. António Francisco, do lugar de Adou de Cima, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
14. João, filho de Manuel Marques Arrais, do lugar de Adou de Cima, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
15. José, filho de Manuel Marques Arrais, do lugar de Adou de Cima, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.

À margem deste assento encontra-se a seguinte nota: “Este cadáver foi trasladado do poço do seu quinteiro para o adro da igreja, aonde foi sepultado, no dia três de Dezembro de mil e oitocentos e treze.”

16. Feliciano João, do lugar de Adou de Cima, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no adro da igreja.
17. Teresa de Oliveira Valgueira foi morta a tiro de bala. Sepultaram-na no adro da igreja.
18. João de Oliveira, do lugar da Ribeira da Ladeira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
19. Arcângela Maria, do lugar da Ribeira da Ladeira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
20. Maria da Silva, do lugar da Ribeira da Ladeira, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
21. Manuel Marques, do lugar do Santo, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
22. António José, do lugar da Breja, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
23. Agostinho Gomes, do lugar do Antuã, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
24. Maria Valente, do lugar do Antuã, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
25. Manuel Tavares, do lugar do Antuã, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
26. Josefa Valente, do lugar do Antuã, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-na na capela de S. Gonçalo.
27. Manuel Teixeira Andrade, do lugar do Campo do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
28. Manuel Rodrigues Marinheira, do lugar da rua de S. Martinho, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no adro da igreja.
29. Francisco de Oliveira, do lugar do Casal, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
30. João Correia, do lugar do Campo do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
31. João Tavares Tuna, do lugar da Rua Nova do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
32. Ana Marques, do lugar do Picoto, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.

33. Manuel de Oliveira, da Rua Nova do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
34. Joaquim Marques, do lugar do Canto do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
35. João, do lugar do Canto do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
36. Manuel Gomes, do lugar do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
37. Joaquim Marques de Vales, do lugar da rua de S. Martinho, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no adro da igreja.
38. António, de 15 anos, filho de João Oliveira e Maria Arcângela do lugar da Ribeira da Ladeira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
39. Manuel da Silva Neves, do lugar da Carvalha, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
40. Francisco Fernandes Nora, do lugar da Carapinheira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
41. João, de 16 anos, do lugar do Canto do Picoto, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
42. Damião da Silva, do lugar da Carapinheira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
43. Joaquim António da Costa, natural de Aveiro, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
44. Rafael Soares, do lugar da Ladeira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no na igreja da Murtosa.
45. Manuel Gomes, do lugar da Boavista, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
46. Mariana Valente, do lugar do Canto Picoto, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
47. Luís, do lugar da Carapinheira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
48. Manuel da Silva, do lugar do Antuã, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
49. Francisco Rodrigues, sacristão, do lugar do Outeiro, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
50. Maria Pires, do lugar do Picoto, foi morta a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
51. Gonçalo, de 27 anos, mentecapto, do lugar da Ladeira, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
52. João, de 40 anos, mentecapto, de Adou, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
53. Maria, de 7 anos, do lugar da Ladeira, morreu afogada. Sepultaram-na no adro da igreja.
54. Domingos da Silva Borges, natural do lugar dos Covais, assistente na Rua de S. Martinho, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
55. Joaquim de Oliveira, do lugar da Boavista, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.
56. Gonçalo José da Silva, da freguesia de Novelido da Sever, assistente na casa de José Bernardo de Quadros, da freguesia de Salreu, foi morto a tiro de bala. Sepultaram-no no campo.

.....
.....

“Aos dezasseis dias do mês de Abril de mil oitocentos e nove, faleceram igualmente e sem sacramentos, às mãos dos franceses, dois homens de fora desta freguesia, que se não sabe quem são nem se lhe puderam tomar as feições apesar das muitas diligências que se lhe tem feito; um deles, passados muitos dias depois do ataque, estando embrulhado em gabão junto das oliveiras de Dionísio Valente, de Campinos, foi queimado e o outro foi enterrado na Boavista, no aido de João Valente.”

Beduído

Nos assentos de Beduído, o pároco que os lavrou não viveu os trágicos acontecimentos e só mais tarde, por informações, conseguiu restituí-los.

1. José Marques Pires, da Póvoa de Baixo, faleceu a tiro de bala na invasão dos franceses, no dia dezassete de Abril de mil oitocentos e nove, e foi sepultado na capela de S. Filipe no dia 18 do dito mês e ano, sem acompanhamento, de que fiz este assento, depois da retirada dos inimigos, por assim mo certificarem.
2. António leite de Azevedo, do lugar do Passo, faleceu no dia dezassete de Abril de mil oitocentos e nove, faleceu a tiro de bala na invasão dos franceses, sem sacramentos por não haver tempo de os administrar por amor das hostilidades, foi sepultado no adro da igreja, de que fiz este assento, depois da retirada dos inimigos, por assim mo certificarem.
3. Maria Joana Dias, do lugar da Teixugueira, faleceu no mês de Abril ou Maio de 1809, em Sarrazola por se achar aí refugiada à invasão dos franceses. Assento feito por informação.
4. Bernardo de Oliveira, do lugar do Adro, desta freguesia, faleceu no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove, à força das armas francesas que invadiram esta freguesia e foi sepultado em um pinhal de José Joaquim Saraiva, ao pé de S. Tiago, por se lhe não poder dar a devida sepultura por temor dos inimigos, de que fiz este assento por assim me informarem.
5. António de Pinho, do lugar do Agro, desta freguesia, foi morto pelos franceses no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove, “quando invadiram esta freguesia.”
6. Custódio de Matos foi morto pelos franceses quando invadiram esta freguesia, no dia 15 de Abril de mil oitocentos e nove. Foi sepultado na capela de S. Filipe.
7. João Pais da Silva, viúvo do Outeiro da Marinha, faleceu em Sarrazola, “por se achar lá fugido aos franceses quando invadiram esta freguesia no dia 15 de Abril de mil oitocentos e nove.
8. Cristóvão Correia, do lugar do Outeiro da Marinha, foi morto pelos franceses quando, “no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove”, invadiram esta freguesia, e foi sepultado na capela de S. Filipe.
9. Manuel José da Silva Viana, do lugar do Outeiro do Coval, freguesia de Beduído, foi morto pelos franceses quando, no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove”, invadiram esta freguesia, e foi sepultado no adro da igreja.
10. Manuel Pires, viúvo, do lugar do Outeiro do Coval, foi morto pelos franceses quando, no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove”, invadiram esta freguesia.
11. João de Castro do lugar da Ariososa, foi morto pelos franceses quando, no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove”, invadiram esta freguesia e “faleceu com o sacramento da penitência somente porque os inimigos não deram tempo para mais, o qual lhe administrou o Reverendo Domingos José de Almeida, porque o pároco e todos os demais clérigos se achavam ausentes e refugiados aos inimigos, foi o dito defunto sepultado despoticamente, ao arbítrio dos seus herdeiros, dentro da igreja, contra a observância do respeitável despacho do Senhor Bispo deste bispado.
12. Joaquim Dias Soares, do lugar da Ariososa, desta freguesia, foi morto pelos franceses e “faleceu sem sacramentos por temor dos inimigos”. Foi sepultado no adro da igreja.
13. Mateus, solteiro, de idade de 52 anos, filho de Manuel Marques Crespo, foi morto pelos franceses quando, no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove”, invadiram esta freguesia. Era do lugar do Campo e foi sepultado na capela de Santo Amaro.
14. Manuel da Cunha, do lugar da Devesa, foi morto pelos franceses quando, no dia quinze de Abril de mil oitocentos e nove, invadiram esta freguesia e foi enterrado na capela de S. Joaquim.
15. Bernarda Marques, mulher de João Marques Matinho, do lugar da Devesa, foi morta pelos franceses, no mês de Abril de mil oitocentos e nove, e foi sepultada na capela de S. Joaquim.

Pratas das Igrejas

Apesar de só com a segunda invasão ter havido efectiva entrada de tropas francesas na terra marinhosa é certo que desde cedo as ameaças à integridade do país aqui tiveram reflexo e consequências. Quando se tornou eminente o ataque das forças coligadas de Espanha e França, o governo por aviso régio de 7 de Março de 1801 e à semelhança do já praticado em outras épocas da História, mandou recolher as pratas das igrejas a Santa Cruz de Coimbra, Tomar e Palmela, com rumo à Casa da Moeda.

A guerra não teve, por aquela altura, seguimento e as pratas foram mandadas restituir por aviso de 23 de Fevereiro de 1802 mas fica explicada a razão por que entraram em uso castiçais de madeira.

Da cruz processional e algumas outras pratas da igreja do Bunheiro ficou voz constante terem sido salvas da cobiça dos franceses em casa do Padre Manuel Alves Amador, dos Passadouros, escondida debaixo dum monte de carvão.

200 anos das invasões francesas

Salreu lembrou massacre da população

Duzentos anos depois, Salreu lembrou as seis dezenas de cidadãos que faleceram às mãos dos invasores franceses na freguesia. A maior parte das pessoas foram mortas a tiro mas, alguns casos, houve especial crueldade, como o da menina de 7 anos afogada e um mentecapto cortado aos bocados pela espada dos invasores.

Para comemorar a efemérida, a Junta de Freguesia colocou uma placa na Fonte do Bedueiro, lugar do Casal, em cuja proximidade as mortes ocorreram.

Da participação dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, (*nesta época, a Murtosa pertencia a Estarreja*) constam as contribuições em 1808 para o esforço da guerra, em cavalos ou destinado à sua compra, com destaque para a oferta do Prior de Salreu; diversos combatentes originários de Estarreja e Murtosa, e a edificação em 1819 da capela da Nossa Senhora das Necessidades, na Póvoa de Baixo, pelo Alferes Manuel Marques Pires, aprisionado pelo exército francês e reconhecido à santa pela graça de regressar à liberdade.

Segunda Invasão a Portugal

Das três invasões a Portugal, a segunda conseguiu ocupar o norte do país, estabelecer “capital” no Porto sob ordens do Marechal Soult, e avançar até às margens do rio Vouga. O Porto ficou sob controlo francês de 29/3/1809 a 12/5/1809.

Nos limites a sul da ocupação encontrava-se uma divisão de cavalaria do General Franceschi, instalada em Albergaria. Daí se deslocaram ao concelho de Estarreja, onde praticaram roubos e violências de diversa ordem. A maior parte do povo fugiu para lugares distantes ou manteve-se dentro de barcos na ria.

Alguns franceses devem ter-se instalado em Salreu, possivelmente na Quinta dos Menezes (casa do Santo). Como objectivo estaria o aproveitar da posição estratégica da Senhora do Monte, para vigiar eventuais manobras do exército Anglo-Luso na ria.

A retirada francesa de Albergaria ocorreu na manhã de 10 de Maio de 1809, quando se deu o ataque do exército Anglo-Luso.

Marco Pereira (texto com supressões)

